

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

AS RAÍZES DO FUTEBOL NO BRASIL: UMA ANÁLISE
DOS CONFLITOS E TENSÕES SOCIAIS PARA A SUA
POPULARIZAÇÃO (1900-1920)

Julio Cesar Silva

4244
S.9
(C*)

Julio Cesar Silva

AS RAÍZES DO FUTEBOL NO BRASIL: UMA ANÁLISE
DOS CONFLITOS E TENSÕES SOCIAIS PARA A SUA
POPULARIZAÇÃO (1900-1920)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Professor Dr. Newton Dângelo.

Uberlândia, setembro de 2014.

Silva, Julio Cesar, 1989

As raízes do futebol no Brasil: uma análise dos conflitos e tensões sociais para a sua popularização (1900-1920).

Julio Cesar Silva. – Uberlândia, 2014.

(NºFolhas)

Orientador: Newton Dângelo.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui bibliografia.

Palavras-Chave: Futebol – Sentidos – Brasil.

JULIO CESARSILVA

AS RAÍZES DO FUTEBOL NO BRASIL: UMA ANÁLISE
DOS CONFLITOS E TENSÕES SOCIAIS PARA A SUA
POPULARIZAÇÃO (1900-1920)

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Newton Dângelo

Tadeu Pereira dos Santos (Doutorando – UFU)

Thiago Rezende de Deus Cardoso (Mestrando – UFU)

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe Vilma França (in memoriam). Onde quer que esteja, está feliz e orgulhosa de mais uma etapa minha vencida. Ela que é minha inspiração, meu exemplo e o motivo pelo qual guardo toda minha gratidão.

Agradeço ao meu pai, que não poupou esforços para que eu continuasse firme na minha caminhada. Ele foi meu alicerce e meu sustento de forças.

Agradeço a minha madrinha Izabel e meu padrinho Marcio, meus segundos pais, por estarem sempre me apoiando e se disponibilizando para me ajudar nos momentos mais difíceis.

Agradeço meus amigos e companheiros que estiveram presente neste longo processo. Em especial Paula Freitas e Shirley Fada, por estarem sempre me apoiando.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o processo que vai da introdução do futebol no Brasil até sua evidente popularização Ou seja, uma história que remonta a construção de sentidos e identidades em torno da prática deste esporte através de um caminho iniciado pela elite econômica do Rio de Janeiro e São Paulo até sua difusão para novas classes e sujeitos sociais. Revelando assim, conflitos e tensões no seio da sociedade, que dava seus primeiros passos sob o regime da recém-instaurada República.

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1	12
As raízes fidalgas: primórdios e evolução da prática do football no Brasil.....	12
Capítulo II	23
A difusão do jogo e a formação das ligas e torcidas	23
Capítulo III	31
Os sentidos em disputa.....	31
Considerações finais.....	47
FONTES.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	51

Introdução

O seguinte trabalho tem o intuito de analisar o processo de popularização do futebol no Brasil, no que tange a construção de identidades e sentidos do jogo para diferentes classes e sujeitos na medida em que o esporte se difundia pelo país. Um recorte que abrange um período entre 1900 à 1920. Que revela conflitos e tensões no universo social, expondo dessa forma, as frágeis bases que estava se edificando a recém-instaurada República no país. Que para o sociólogo Waldenyr Caldas¹, o estudo das relações sociais brasileiras através das origens do futebol é uma valiosa fonte para se entender o contexto ao qual se efetivou. Observando através desse esporte o reflexo das deficiências no regimento das políticas e projetos para o futuro e o progresso do país.

O estudo realizado faz notar as dificuldades em se driblar o preconceito de cor, que levava as agremiações a adotar uma postura segregacionista, refletindo e reproduzindo no futebol as imperfeições da sociedade pós-Abolição, a qual não integrou à sua estrutura o imenso contingente de negros e mulatos, como é lembrado pelo sociólogo Florestan Fernandes², que relata que esses próprios sujeitos são observados como marginalizados, transformados em uma espécie de camada social dependente, uma verdadeira casta disfarçada. E como o futebol não estava à parte da sociedade, também ajudava a reproduzir e a reforçar tal situação de exclusão. Que segundo o jornalista e pesquisador Mário Filho bem reflete;

¹ CALDAS, Waldenyr. *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*. In: Revista USP, agosto de 1994".

² FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Diefel, 1972

*“O futebol não alterava a ordem das coisas. Pelo contrário. Onde se poderia encontrar melhor demonstração de que tudo era como devia ser? O branco superior ao preto. Os ídolos do futebol, todos brancos. Quando muito, morenos. Preto só entrava no escrete uma vez na vida e outra na morte. E quando um branco que devia jogar estava fora, doente ou coisa que o valha. Então o preto podia jogar. Como Monteiro, do Andaraí, trocando de posição, tapando buraco. Cada lugar no escrete tinha um dono: branco de boa família. A superioridade de raça, da raça branca sobre a raça preta, a superioridade de classe, da classe alta sobre a classe média, da classe média sobre a classe baixa. A baixa lá em baixo, a alta lá em cima, vencendo, tirando campeonatos”.*³

Contudo, a pesquisa se restringe em estudar apenas dois casos, que são os do Rio de Janeiro e de São Paulo. Obviamente, o futebol não estava restrito à estas duas cidades, mas o motivo da escolha gira em torno da influência que os dois casos exerciam para o país como um todo. Não só nos gramados, mas também a nível político, econômico e histórico.

Sabe-se que as duas cidades, no início dos anos republicanos, eram as mais importantes e desenvolvidas do país, o Rio por ser capital federal, e São Paulo, além do intenso processo de industrialização e progresso tecnológico, contava com a concentração das riquezas oriundas do comércio cafeeiro, fatos que corroborariam para um enorme fluxo de ingresso de imigrantes na cidade, conseqüentemente, atraindo dessa forma, investimentos maiores. Como bem observa Boris Fausto:

³ FILHO, Mário. *O negro no futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad. 5° ed. 2013. Pág. 49

“A partir de 1890, a cidade de São Paulo começou a crescer em ritmo acelerado. O crescimento se iniciara entre 1872-1886, quando foi de 52% (de 31.385 para 47697 habitantes), a uma taxa geométrica anual de 3%. Entre 1886-1890, alcançou 36% (de 47.697 para 64.934 habitantes), o que representa uma taxa geométrica anual de 8%. Mas a grande arrancada se deu entre 1890-1900, período em que a população paulistana passou de 64.934 habitantes para 239820, registrando uma elevação de 268% em dez anos, a uma taxa anual geométrica de 14% de crescimento anual.”⁴

Além dessa situação, as duas cidades foram quem ficaram marcadas como pioneiras do esporte, tendo assim, o mais amplo respaldo midiático e também o maior escopo de interesse dos pesquisadores em estudar e levantar a memória desses dois casos. Aproveitando-se desta situação, as duas cidades eram quem tomavam frente das decisões do esporte a nível nacional. Tomando partida na criação da primeira confederação nacional, e também as únicas que serviam seus jogadores para o selecionado brasileiro que participava das primeiras disputas internacionais.

Ainda que eu tenha escolhido os dois casos para analisar, guardei um foco ainda mais amplo para o caso do Rio de Janeiro. Que, a meu ver, merece uma atenção maior pelo fato de ressaltar conflitos mais intensos no seio social e também pelo fato de ser a capital federal, onde estariam voltado todos os olhares para os acontecimentos e sua influência para o restante do país. Ali também estaria o grosso da crítica, os literatos e pensadores que tentavam tomar frente às transformações que vinham acontecendo no seio da sociedade local, e conseqüentemente, no Brasil afora.

Para entender as origens do futebol no Brasil, é preciso entender também o que acontecia nos locais onde ele surgiu e se consolidou. Ou seja, nos bastidores da vida

⁴ FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920) Rio de Janeiro - São Paulo*. Rio de Janeiro: Difel. 1976. Pág.15

social da recém-criada República. Que segundo o historiador Sidney Chalhoub⁵ fora marcada por um profundo distanciamento entre as classes sociais. Fruto do processo de transição entre Império e República, onde os negros recém-saídos da escravidão passariam a frequentar os mesmos espaços urbanos que o restante da população branca em sua maioria descendente ou diretamente imigrante. Para ele isso causaria um enorme impacto nas relações sociais daquela época, uma vez que, acostumados com a natural heterogeneidade social, a elite branca já estabelecida, buscaria meios de se diferenciar e sobrepor à essa pobre camada, que por sua vez, buscava meios de se inserir ao mundo que forjava essa elite. E o futebol, nesse sentido, se torna um exemplo concreto disso para nós.

Fora utilizado como fonte de pesquisa, através da *Hemeroteca Digital Brasileira*⁶, jornais impressos entre 1900 e 1920 da imprensa de São Paulo e Rio De Janeiro. Que, segundo a socióloga Tânia de Lucca, se trata de um veículo importantíssimo para se pesquisar o início do século XX.

*O mundo do trabalho industrial não pode ser dissociado das cidades e do processo de urbanização, com os quais guarda a mais estrita vinculação. Os estudos sobre o urbano constituíram-se em importante campo temático da pesquisa histórica. As transformações conhecidas por algumas capitais brasileiras nas décadas iniciais do século XX foram, em várias investigações, perscrutadas por intermédio da imprensa.*⁷

Vale lembrar também que os conteúdos informativos desses jornais são passíveis à parcialidade e pessoalidade do redator e da direção da empresa que o produz. Com isso, é importante fazer o trabalho de filtragem e seleção das abordagens feitas a partir dessas impressões.

⁵ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

⁶ Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em www.hemerotecadigital.bn.br.

⁷ LUCCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. Pág. 35

O desenvolvimento da análise e construção do trabalho não dispensa uma abordagem cronológica dos acontecimentos narrados pelas páginas dos jornais, que ao se tratar de um processo de transformações é necessário um parâmetro linear e também comparativo. Estando sempre amparado à luz das teorias e estudos sobre o contexto histórico ao qual se insere o recorte temporal.

No primeiro capítulo procuro abordar as origens do futebol no Brasil através de pesquisas já realizadas em relação ao assunto, tendo como foco trabalhos de historiados, sociólogos e jornalistas que realizaram o levantamento da memória dos primeiros passos deste esporte no país. Nesse sentido, minha análise é fruto de uma ponderação entre as teorias e pesquisas desses autores, uma vez que pelo fato de se tratar de uma novidade, essas origens não tiveram o acompanhamento da imprensa, que é minha fonte de trabalho.

Neste capítulo busco também analisar o surgimento dos primeiros clubes, o sentido que os primeiros adeptos forjariam para o esporte. Tendo a imprensa cobrindo gradativamente o início desse fenômeno.

No segundo capítulo tento analisar a difusão do jogo e suas consequências. Tendo como foco a criação das ligas regionais e os embates promovidos em torno de sua existência. Nesse sentido, a formação de novos sentidos e identidades para o jogo envolvendo seus antigos e novos adeptos.

No terceiro capítulo busco ressaltar os evidentes impactos causados com os novos sentidos impostos ao jogo, no que tangencia também o universo social como um todo. Nesse caso, focando nas questões nacionalistas e as disputas de interesses envolvendo lideranças políticas, intelectuais e do esporte, como fio condutor desses embates.

Capítulo 1

As raízes fidalgas: primórdios e evolução da prática do football no Brasil

Não se sabe exatamente quando o futebol foi introduzido ou jogado pela primeira vez no Brasil, nem essa é uma preocupação desse nosso trabalho. Mas sabe-se que a difusão de sua prática no país tem um ponto de partida em comum: a Europa da segunda metade do século XIX. Foi de lá que os considerados “pioneiros” do esporte no Brasil trouxeram as sementes do que hoje em dia chamamos de “paixão nacional”.

Para entendermos as raízes e, conseqüentemente, as identidades formadas a partir do jogo de futebol no Brasil, é preciso antes de tudo, concentrarmos nossas análises na virada do século XIX para o século XX, que, segundo o autor Nicolau Sevcenko⁸, foi um período de evidentes transformações na sociedade brasileira. Onde a Europa e o Rio de Janeiro dentro da Belle Époque servem para nos mostrar como as ideias e costumes vindos do velho continente, sobretudo de grandes capitais, corroboraram para mudanças significativas na capital federal, que por ser a capital, também contava com o maior porto, sendo ideal para assumir a condição de cartão postal, tal qual Paris representava para a França. Sendo que a condição de metrópole torna o Rio de Janeiro atrativo para o fluxo de estrangeiros e de brasileiros vindos de outras regiões. Estabelecendo assim, a consolidação de traços de costumes oriundos das camadas aristocráticas da Europa.

Tanto a capital federal, Rio de Janeiro, quanto a cada vez mais emergente, na época, capital paulista, São Paulo, tiveram suas figuras consagradas na memória das raízes do futebol no Brasil, que são respectivamente Oscar Cox e Charles Miller, ambos oriundos de famílias da elite dessas cidades, que tiveram sua formação escolar na

⁸ “*História da vida privada no Brasil*”. Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko – São Paulo: Companhia das Letras. 1998 – (*História da vida privada no Brasil*; 3).

Europa, uma prática bastante comum das famílias endinheiradas, mandarem seus filhos para estudar nesse continente.⁹

O paulista e descendente escocês Charles Miller é considerado tanto na historiografia sobre o esporte, quanto na memória popular e coletiva, “o pai do futebol” no Brasil. Que, através de fontes não muito claras, é creditada a ele a responsabilidade de organizar o primeiro jogo de futebol em solo tupiniquim por volta de 1895 entre funcionários de altos cargos, assim como ele, da companhia de trem São Paulo Railway Company e sócios do clube de recreação São Paulo Athletic Club¹⁰. A ele cabe toda uma simbologia de pioneirismo do esporte no país. Algo que chega a se assemelhar a uma narrativa épica, onde ele, o herói, chega da Inglaterra, após passar uma longa temporada de estudos, e portando uma bola, artefatos do esporte e um livro de regras. Prepara-se um campo gramado, formam-se duas equipes, e está pronto! Temos a primeira partida de futebol no Brasil!

O discurso narrativo parece belo e inspirador. Ainda mais se formos tomar a história do esporte no país com um olhar inerente aos dias de hoje. As multidões que lotam os estádios, o dinheiro que se investe nos clubes, a intensa cobertura da mídia a união das classes mais distintas em torno de uma só paixão. Ou seja, hoje em dia, o esporte tem a função no país além do entretenimento e ultrapassa as barreiras da diversão, e movimenta muito trabalho e relaciona muitas pessoas através de suas práticas.

Ao passo que se analisarmos a fundo suas raízes no Brasil, veremos que essa bela narrativa que povoa o imaginário de quem não a conhece, caem por terra, dando lugar a uma realidade coberta de tensões. Que revela, talvez, um reflexo do que foi o período de construção de identidades dos primeiros anos republicanos do Brasil. Onde futebol e conflitos sociais andavam de mãos dadas. E o processo de afirmação do esporte como prática popular foi carregado de conflitos, e fora também um valioso dispositivo de exposição das deficiências que o país portava na condução do projeto de

⁹ História compartilhada de forma unânime por pesquisadores como Fábio Franzini (2003); Mário Filho (1946); Leonardo Miranda (2000), Waldenyr Caldas (1990) Tomáz Mazzoni(1950).

¹⁰ Idem 8

uma nação forte e unida rumo ao progresso, cujo qual ressalta o historiador Joel Rufino dos Santos¹¹.

Como mencionado anteriormente, não podemos ao certo aferir o pioneirismo deste esporte no Brasil, até porque, chutar uma bola em uma baliza poderia ser uma prática comum e, tão obviamente, poderia passar despercebida aos olhos de qualquer um. Aliado a outros fatores, como o cenário social, os costumes e a forma como se apresentava o entretenimento nos grandes centros da recém-criada República no Brasil, um indício de que o pioneirismo creditado a Charles Miller tenha se consolidado, justifica-se, talvez, pelo fato de dotar de recursos que tenha favorecido sua rápida disseminação.

Assim como E.P. Thompson observa em “Costumes Comum – Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional”, ao analisar o caso da Inglaterra no que tange as relações de trabalho, reflete que a memória das classes subalternas tendia a ser escassa, uma vez que não deixavam documentos e não dotavam de instrumentos que favorecem a consolidação e reprodução de seus feitos, em geral, para as gerações posteriores.¹² Nesse sentido, talvez isso tenha contribuído para que fosse mais propenso que a memória consolidada sobre as origens do futebol no Brasil tivesse um ponto de partida através de uma origem fidalga.

Em primeiro lugar, devemos considerar que Miller viveu de perto a prática do esporte em um país, também de chamado de “inventor” de tal modalidade. Onde, segundo o historiador Hilário Franco Júnior, a Inglaterra é considerada tanto na literatura, quanto na historiografia, como precursora do futebol moderno, sendo creditada a ela a disseminação do esporte pela Europa, e, conseqüentemente, pelo mundo afora. E isso se explica, pela influência que a Inglaterra exercia sobre o mundo com as relações comerciais e industriais. Já em meados do século XIX o futebol já era bastante praticado na Inglaterra e no ano de 1863 já havia ocorrido o primeiro congresso para se discutir a formalização de padronização das regras, para que se ocorresse disputas padronizadas e um método em comum de praticá-lo, que ficou chamado de *Football Association*, a raiz da Federação Inglesa de Futebol. Ou seja, uma espécie de organização destinada a padronizar o modo de praticar o esporte, facilitando a criação

¹¹ Conferir. SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

¹² Conferir. THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum – Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

de ligas e torneios. E, no entanto, a forma de praticar o esporte, cuja qual se consolidou para o resto do mundo foi pautada nessas regras e moldes de prática¹³. Miller então catequizaria os primeiros praticantes através dessa bíblia. Por isso o termo hoje bastante usado para se remeter ao futebol, ficou sacralizado como “esporte bretão”. Tendo o paulistano como fio condutor dessa cultura inglesa, para dimensões brasileiras. Sendo assim, a Inglaterra como difusora do esporte.

Para o sociólogo Leonardo Pereira, assim como Charles Miller ficou reconhecido não só como precursor do esporte em São Paulo, mas no Brasil como um todo, Rio de Janeiro também identificaria seu herói do esporte, aquele que introduzira o esporte na cidade. E ele era Oscar Cox. Filho também de imigrantes ingleses, assim como Miller, membro de uma das famílias mais influentes da cidade carioca, Cox tem uma história semelhante à do paulistano. Cox passara seus estudos em um colégio da Suíça, que de lá, também influenciado pela prática do futebol oriundo da Inglaterra, trouxe para o Rio de Janeiro a semente do esporte por volta de 1897, introduzindo-o de forma mais direta pela formação do próprio clube de futebol. Ainda na Capital da República, outro que teve seu nome marcado na memória da difusão do esporte na cidade, amigo mais entusiasmado de Cox, Vitor Etchegaray é também lembrado, ao lado de Cox, como ícone do pioneirismo do esporte na cidade. Onde juntos realizaram as primeiras partidas de futebol em solo carioca, tendo como companheiros ingleses empresários que residiam na cidade e jovens endinheirados da zona sul do Rio de Janeiro.¹⁴

Com as características citadas acima, também podemos observar à que grupo social pertencia, tanto Miller como Cox e Etchegaray. Filhos de imigrantes que compunham posições aristocráticas na sociedade. Contudo, as chances maiores de os contemplados em aprender o esporte seriam, com efeito, membros desses círculos de relacionamento. Como amigos, familiares e pessoas as quais conviviam com os esses ricos rapazes. Por outro lado, ainda havia a capacidade de aquisição de terrenos ideais para a realização das partidas, sem contar os artefatos utilizados como bola, chuteira,

¹³ Conferir. FRANCO, Hilario Junior. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*- São Paulo: Companhia das Letras, 2007

¹² Conferir. PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *“Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000

uniforme, etc. Ou seja, a probabilidade desse esporte se disseminar primeiramente entre a elite econômica, com necessário poder de aquisição, era maior.

Os primeiros anos do século XX marcariam um forte surgimento de agremiações destinadas à prática do futebol, assim também como clubes sociais recreativos incorporavam à sua gama de atividades esse esporte. Salvo raras exceções, nota-se que essas agremiações traziam uma característica em comum, que era a restrita participação de membros das elites aristocráticas das cidades. Ou seja, privilegiava uma camada social que contava com estrangeiros empresários, ou que ocupavam cargos administrativos do ramo industrial, e também jovens brasileiros oriundos dessas famílias que detinham poder dos meios de produção na cidade.

Apesar de trilharem caminhos semelhantes na história do início da prática do futebol no Brasil, São Paulo se desenvolveu mais rapidamente no tocante à organização desse esporte com o surgimento das primeiras agremiações um pouco antes que Rio de Janeiro. Acompanhando os primeiros passos da difusão desse esporte pelo país, ainda que timidamente, os jornais das duas cidades começava aos poucos oferecer certa cobertura a essa novidade que se espalhava entre a juventude fidalga paulista e carioca.

Já nas seções esportivas do ano de 1900, o jornal *Correio Paulistano* traz, em rápida passagem, anúncios de *matchsde football*(ou também*foot-ball*), incluídas na programação de um festival beneficente no campo do Velódromo Paulista¹⁵. Nota-se, portanto, a utilização de linguagens para designar os termos técnicos do esporte em inglês. No caso, é frequente se deparar nas colunas esportivas com expressões como *match* (partida), *scrath* (time, ou os 11 jogadores), *goalkeeper* (goleiro), *referee* (árbitro), *corner* (escanteio), *foward* (meio-campista), *back* (zagueiro)*player* (jogador), *sportmen* (plural de jogadores distintos), *sportman* (singular), *foot-ballers* (jogadores), *ground* (campo)¹⁶.

Com isso, podemos perceber que junto com a importação do jogo, veio também sua linguagem própria dos termos técnicos. Essa característica reforça ainda mais a influência estrangeira na raiz do esporte. E perpetuá-la significaria reafirmar o interesse em delimitar suas fronteiras de acesso e adquirir para si uma dimensão particular e

¹⁵ Conferir: "Football", *Correio Paulistano*, 14 de junho 1900.

¹⁶ Conferir: "Sport". *Correio Paulistano*, 08 de março de 1903

restrita. Em um movimento que lembra as concepções entorno de conceito de cultura para Thompson:

“Não podemos esquecer que “cultura” é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho.”¹⁷

Geralmente, os jornais já traziam em suas páginas colunas que retratavam os esportes já difundidos nas capitais e região. Como o Críquet, o Turfe e a Regata. A partir dos primeiros anos do século XX, notava-se, gradativamente, que as seções esportivas já incorporam às suas páginas, notícias sobre o jogo de *foot-ball*. No começo, fica evidente o desconhecimento de alguns cronistas e redatores para lidar com essa novidade esportiva, chegando até se embaralhar com as palavras inerentes aos termos técnicos do jogo, quando não se relatava espantadamente a forma de disputa do jogo, narrando com estranhamento os encontrões, os pontapés, e todo o grau de “violência” desprendido desse esporte¹⁸.

Enquanto surgiam as primeiras agremiações de futebol na cidade do Rio de Janeiro, em São Paulo surgiam as primeiras ligas e os primeiros torneios oficiais. Já em 1902 o Correio Paulistano já acena para o começo da disputa do campeonato da recém criada Liga Paulista de Foot-ball, contando com a participação das agremiações: Sport Club Germânia; Sport Club Internacional; Associação Athletica do Mackenzie College; Club Athlético Paulistano e São Paulo Athletic Club, tendo como lugar de disputa o campo do Velódromo de São Paulo e o Parque Antártica. A fundação de uma liga

¹⁷ THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum – Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Pág. 51

¹⁸ Conferir. *O Paiz*, 16 de agosto de 1904

evidencia claramente o alto grau de disseminação do esporte, e além de tudo, e mais importante, a intenção de restringir e resguardar um espírito imposto nessas práticas a uma fatia seleta¹⁹.

É importante ressaltar que, geralmente, as agremiações recém fundadas exigiam que seu sócio pagasse uma joia de entrada e uma mensalidade cujos valores se apresentaram na época como um eficaz filtro de seleção de ingressantes. Os altos valores cobrados nas mensalidades excluía, diretamente, a participação das classes menos favorecidas economicamente desses clubes. E os estatutos de regras e objetivos, traziam recomendações de recusa de associados de cor negra, trabalhadores braçais e militares de baixo escalão também²⁰. Ou seja, era visível o caráter restritivo para aceitação nos clubes oficiais. Basicamente, essa seleção dos ingressantes funcionaria, em um primeiro momento, nos moldes dos clubes de recreação já existentes nessas cidades. Contemplando, necessariamente, a elite aristocrática da cidade, e funcionando como um meio de distinção entre essa classe e o resto da sociedade.

Nesse caso, essa elite usaria o futebol como um ritual que se conectaria com a cultura europeia, e acima de tudo, reafirmaria sua diferença para com as classes menos favorecidas economicamente. Assumindo dessa forma, uma postura pautada nas concepções sócio eugênicas advindas do cientificismo europeu do século XIX, como ressalta Roberto Ventura, no que diz respeito às políticas brasileiras que tentavam impor essas concepções no país e o posicionamento dos intelectuais diante do assunto, como o embranquecimento da população, chegando a sugerir que brancos não se misturassem com negros e índios, preservando assim, a miscigenação da “superior” raça branca com as “inferiores” raças negras e indígenas²¹. Assim como ressalta também Thomas Skidmore:

¹⁹ Conferir. “Sport”, *Correio Paulistano*, 02 de maio de 1902

²⁰ Conferir respectivamente. “Foot-ball”, *Correio Paulistano*, 13 de setembro 1903 e “Fluminense Foot-Ball Club”, *A Canoagem*, 25 de julho de 1903.

²¹ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

“Em busca da negação da ideia de inferioridade inata dos mestiços, a intelectualidade brasileira forjou uma conclusão otimista baseada na afirmação chave de que a miscigenação não produzia inevitavelmente “degenerados”, mas uma população branca, tanto cultural quanto fisicamente. A tese do branqueamento se apoiava na hipótese de que a mistura racial, da forma em que ocorria no Brasil, produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas”²²

Essa distinção ficara mais evidente na capital republicana, onde os clubes oriundos dos bairros nobres, e principalmente da zona sul, ditariam através do futebol um estilo próprio para os seus associados e para a própria imagem do recém - criado esporte. O termo “sportmen” aparecia corriqueiramente nas colunas esportivas dos jornais da cidade do Rio de Janeiro. E se apresentava como uma linguagem para designar não só os sócios jogadores, mas também os sócios simpatizantes do esporte. O “foot-ball” assumia para a mocidade carioca um papel muito além do que uma prática esportiva²³.

A disputa um *match* de foot-ball, ou seja, uma partida de futebol ganhava com o passar do tempo um aspecto ritualístico para a mocidade fidalga da cidade. Ainda que fosse uma novidade nos meios de entretenimento, a prática do futebol ganhara muitos expectadores para suas partidas²⁴. Os jornais relatavam com entusiasmo a emergência dessa chamativa disputa entre onze jogadores de cada lado correndo atrás de uma bola aos encontrões e acidentais pontapés. E aos poucos as colunas esportivas iam se interessando em acompanhar essas disputas, e reservando espaços cada vez maiores nas suas páginas²⁵.

²²SKIDMORE, Thomas.. *Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976. Pág. 81

²³ Conferir. “Foot-Ball”, *O Paiz*, 16 de agosto de 1904.

²⁴ Conferir. “Sport”, *Correio Paulistano*, 21 de abril de 1903

²⁵ Conferir. “Foot-Ball” *O Paiz*, 19 de agosto de 1904.

Nota-se num primeiro momento, que a preocupação dos cronistas que cobriam as partidas era de relatar mais os aspectos estéticos do jogo que os próprios lances técnicos. Era comum se deparar nas avaliações desses cronistas, a beleza dos moços e seus trajes arranjados, ou seja, seus uniformes e acessórios bem cuidados. A beleza da plateia que acompanhava a partida, principalmente a presença das moças que esbanjavam elegância como expectadoras nos confrontos. Dentro de campo, além dos aspectos estéticos das vestimentas dos jogadores, ressaltava-se o cavalheirismo dos jogadores, dentro e fora do campo²⁶. Aplaudiam as boas jogadas do adversário, cumprimentavam-se com elegância antes e depois das partidas. Ou seja, mostravam que eram jovens bem educados. Uma marca de distinção da elite fidalga carioca, e que os jogos de foot-ball seria palco para essas apresentações de elegância e educação refinada. E a disputa entre os clubes dentro de campo era o mais amistosa possível²⁷.

Nesse sentido, um clube de futebol criado na capital federal em 1902 com o nome de Fluminense Football Club da zona sul, mais precisamente das Laranjeiras, viria a representar todo esse aspecto fidalgo marcante do início deste esporte no Brasil. Além de reafirmar estas características explícitas anteriormente, este clube assumiria uma posição de destaque na construção do espírito fidalgo que se dava ao jogo. Como uma espécie de embaixador dessa cultura, este clube carioca serviria como modelo de elegância e refinamento, cujo quais os *sportmen* começariam a propagar²⁸. Tamanha era a influência deste clube sob os rumos do esporte, que seu sócio fundador Oscar Cox (o mesmo creditado ao pioneirismo do esporte no Rio de Janeiro), costumava ser convidado a eventos comemorativos de outros clubes, inclusive da cidade de São Paulo, patrocinando a disseminação deste novo esporte na defesa do espírito cavalheiresco inerente ao jogo²⁹.

Uma espécie de celebração de toda essa cultura se dava também fora de campo. E isso pode se aferir nas comemorações de aniversários e bailes de gala entre os sócios

²⁶ Conferir respectivamente. "Foot-Ball", *A Canoagem*, 19 de setembro de 1903, "Super-Foot-Ball", *Correio da Manhã*, 5 de julho de 1905.

²⁷ Conferir. "Sport", *Jornal do Commercio*, 9 de julho de 1904

²⁸ Conferir. "Fluminense Foot-Ball Club", *A Canoagem*, 25 de julho de 1903

²⁹ Conferir. A visita de Cox ao Paulistano. "Sport" *Correio Paulistano*. 24 de janeiro de 1903

desses clubes recém-formados. Que sempre contava com a reunião de autoridades e a presença da mais refinada classe da cidade³⁰.

Vale lembrar que essa dinâmica entre os sócios dos clubes recém-formados era tão evidente ao ponto de um mesmo *sportman* se filiar em mais de um clube. Tão quanto um mesmo clube possuir mais de um time em seu quadro de associados, onde os mesmos realizavam partidas entre si, subdivididos em nomenclaturas como “primeiro time”; “segundo time”³¹. Observa-se também o nítido caráter diplomático empreendido no esporte. O espírito amistoso e cavalheiresco era tão eminente que em uma partida realizada entre o Club Atlético Paulistano e o Fluminense Football Club em 1905, após um gol da equipe paulista (marcado, inclusive, por Charles Miller), viu-se uma festa nas arquibancadas por parte da torcida carioca³².

No entanto, o futebol se tornaria para a mocidade fidalga dos grandes centros uma verdadeira identidade, que logo mais adquiriria caráter missionário para seus adeptos, uma vez que esse movimento ganharia mais impulso na esteira dos debates entorno das questões higiênicas na virada do século.

*Todo exercício físico deve ser acompanhado, para não ser monótono e enfadonho e ser satisfatoriamente realizado, de uma nota de prazer e interesse com um caráter recreativo. Por isso os jogos e os sports são de grande vantagem no aperfeiçoamento orgânico, na educação física, principalmente da mocidade*³³.

Assim, nota-se o espírito e o caráter elitizante do futebol no Brasil nos seus primeiros tempos, o qual vai sendo introduzido gradualmente ao cotidiano brasileiro em finais do século XIX e começo do século XX. Onde, observa-se nesse período, o crescente gosto pela prática desportiva no Brasil e a conseqüentemente introdução de alguns esportes nas atividades recreativas entre a população. Sob certa desconfiança frente à novidade, profissionais da saúde e literatos movimentariam discussões sobre os benefícios e malefícios inerentes a prática dessas atividades físicas, incluídos no

³⁰ Conferir respectivamente. “Sport” *Gazeta de Notícias*, 16 de julho de 1905 e “Gazeta dos Sport”, *Gazeta de Notícias*, 22 de julho de 1906.

³¹ Conferir. *Gazeta de Notícias*, 4 de setembro de 1904.

³² Conferir. “Foot-Ball”, *O Paiz*, 17 de julho de 1905.

³³ Conferir. “Sports”, *Correio Paulistano*, 23 de janeiro de 1904

planejamento e construção de uma nação forte, compacta, e preparada para conduzir a recém-criada República ao progresso³⁴.

As manifestações favoráveis giravam em torno de uma perspectiva que defendia a prática esportiva, juntos às atividades físicas em geral, como um meio de regeneração da população brasileira. Um argumento também espelhado em costumes europeus, que viam no exercício físico um eficiente dispositivo disciplinar e, principalmente, salutar. Nesse sentido, o futebol reuniria ainda mais defensores, que depositariam no esporte a esperança de consolidação de parte do projeto regenerativo da nação, que ainda via com descrédito as raízes populacionais do país, construída a partir da mistura de diversas raças, sendo a indígena e africana associadas negativamente à preguiça, à passividade e ingenuidade³⁵.

Em primeiro lugar o espírito de disciplina que adquire pela obediência absoluta que a cada jogador é imposta para com o seu comandante, o espírito de decisão e iniciativa inteligente que o jogo sugere pelo improvisado das peripécias, o desprezo dos perigos que exalta. O estoicismo que inspira por algumas de suas conseqüências e finalmente o admirável espírito de solidariedade e de abnegação que exige de todos os seus adeptos³⁶.

O futebol, junto aos *spotmen*, viria a se constituir aos olhos dos “higienistas”, um aparelho ideal para o projeto de regeneração da nação. Uma vez que, somados às qualidades de ordem física, representariam também, o modelo de cavalheirismo, boa instrução, educação de berço e refinamento. O espelho perfeito da nobreza europeia, a ser usado como modelo na construção de uma nação. E que acima de tudo, reforçando ainda mais o movimento em prol do esporte³⁷.

Desse momento podemos aferir, o espírito que ia se empreendendo a essa novidade esportiva. Que se apresenta para nós como uma ressignificação de sentidos ao se comparar com prática deste esporte na Inglaterra, nossa ancestral de primeiro grau

³⁴ Conferir. Carmen Dolores. “A semana” *O Paiz*, 13 de outubro de 1905

³⁵ Conferir respectivamente. “Sport”, *Jornal do Commercio*, 18 de abril de 1904. “Sport”, *Correio da Manhã*, 18 de junho 1905 e “Olavo Bilac.” *Crônica*, *Gazeta de Notícias*, 27 de abril de 1907

³⁶ Conferir. “O Foot-Ball”, *O Malho*, n° 153, 19 de agosto de 1905.

³⁷ Conferir. “Sport”, *Correio da Manhã*, 14 de maio de 1907.

em relação às origens da prática no esporte no Brasil. Sendo que o futebol naquele país já se encontrava totalmente difundido em sua cultura desportiva, não contemplando restrições, praticado e louvado diretamente por qualquer camada social. Inclusive, fortemente presente tanto como disciplina fundamental dos colégios, como também a forma principal de entretenimento das classes operárias. Uma vez trazido de lá pelas mãos de nossa juventude fidalga, aqui passa ter outros significados. Passa a ser um método de contemplação de uma cultura distintiva. O futebol passa a se apresentar como uma seita. Ser um sportman, antes de tudo, era comungar de uma criação diferenciada, era reafirmar uma espécie de título de nobreza contemporâneo. A disputa esportiva de âmbito físico dentro do campo dava lugar a espetáculos de refinamento e cavalheirismo. Fora de campo, os embaixadores do esporte se articulavam para dar mais vida a esse movimento. Para aqueles que tivessem os atributos necessários para ingressar nesse universo, a cultura ia se expandindo rapidamente, tendo o interesse de novos adeptos, e conseqüentemente, o surgimento de novas agremiações. Já para quem estava de fora, aquilo tudo era uma novidade. Tanto a mídia como as parcelas intelectuais do país, gradativamente, voltavam seus interesses para o jogo.

Nesse contexto, nota-se que as classes subalternas e as populações periféricas estavam não só diretamente excluídas da participação desse círculo cultural, como também ignoradas pelos veículos de informação. Sendo registradas assim, apenas informações inerentes ao surgimento de agremiações e anúncios de partidas quando jogadas contra times do centro e zona sul. Ficando, dessa forma, à margem da cobertura e do prestígio que se dava ao esporte naquele momento.

Capítulo II

A difusão do jogo e a formação das ligas e torcidas

Com a proliferação dos clubes e o prestígio alcançado entre a população local da capital federal (e arredores) que começava a comparecer em massa aos campos de

futebol, se tornaria iminente o interesse por esse esporte para além das zonas nobres da cidade, e notoriamente observa-se o alto fluxo de surgimento de novas agremiações também nas regiões mais afastadas deste centro³⁸. Todo o discurso proferido pelos *sportmen* sobre os benefícios desse jogo, aliado ao charme e a alta capacidade recreativa que ele oferecia, despertara entre toda a população o gosto por esse esporte.

Na esteira da difusão do esporte surgia entre os *sportmen* dos clubes nobres, cujos quais detinham o monopólio do sentido original que se atribuía ao jogo, a preocupação sobre o rumo que ele estaria tomando ao se tornar tão popular, uma vez que esses novos clubes oriundos dos subúrbios aceitavam a participação de qualquer jogador que tivesse o interesse em jogar por eles. Dessa forma, a flexibilidade e a abertura transgrediriam o espírito elitista e a cultura cavalheiresca empreendida junto à prática do jogo. Em um primeiro momento a mídia corrobora com a insatisfação desses clubes e começa a cobrir pejorativamente os jogos que tinham a participação dos clubes suburbanos ou compostos por operários e trabalhadores braçais em geral, relatando brigas, xingamentos e deslealdade dentro de campo por parte desses jogadores, deturpando assim, o sentido original do jogo defendido pelos *sportmen* dos clubes nobres³⁹.

Como já acontecia em São Paulo desde 1902 e na Bahia desde 1904, inicia-se uma campanha para a criação de uma liga de futebol carioca sob a manifestação de interesse dos clubes Rio Cricket and Athletic Association (de Niterói), Fluminense Football Club, Football Athletic Club, América Football Club, Bangu Atlético Club, Botafogo Football Club, Sport Club Petrópolis e Paysandu Cricket Club⁴⁰. Não podemos julgar com precisão a emergência desse movimento, mas sabe-se que o futebol já se encontrava bastante difundido em toda a cidade, e como citado acima outros estados já organizavam suas disputas oficiais, e por outro lado também era nítida a insatisfação dos clubes nobres para com a crescente popularização do esporte. O êxito da campanha resulta na fundação, em 8 de julho de 1905, da LIGA

³⁸ Conferir respectivamente. *O Paiz*, 19 de julho de 1906 e "Gazeta dos Sports", *Gazeta de Notícias*, 17 de setembro de 1906.

³⁹ Conferir respectivamente. "Zé Cosme", *Sport*, *Correio da Manhã*, 23 de maio de 1906 e "Sport", *O Paiz*, 20 de agosto de 1906.

⁴⁰ Conferir. "Sport", *Gazeta de Notícias*, 31 de julho de 1905.

METROPOLITANA DE FOOTBALL – LMF⁴¹. Uma instituição que representaria o futebol no Rio de Janeiro, e estaria à frente em todas as decisões tomadas com os rumos do esporte naquela cidade. Fazer parte dela significaria estar dentro da vanguarda do futebol e confirmar uma condição de superioridade até mesmo dentro da sociedade.

Se observarmos a lista de clubes que tomaram a frente do movimento, podemos, de alguma forma, levar em consideração a defesa de interesses que nesse momento fazia-se notório desses clubes no cenário do futebol na cidade do Rio de Janeiro. Por fazerem parte da vanguarda do futebol na cidade, e uma vez sentindo-se ameaçados enquanto condutores do sentido do esporte, nos leva a pensar de forma que essa fora uma clara resposta à ascendente mudança do modo como estava sendo tomado o jogo pelas classes subalternas. Onde se esperava com a criação de uma liga, a construção de uma ilha dentro do próprio movimento que os mesmo lutaram para estabelecer e agora estava ameaçado.

A prática do futebol, por si só, não se apresentava mais como um ritual de distinção entre as classes sociais, bem como, segundo Chalhoub⁴², as relações humanas e o convívio social nas ruas entre a população, também não apresentava tanta discrepância como se observou a partir do período pós-abolição e a instauração da República. A Liga Metropolitana poderia servir como resistência á essa situação. Nesse sentido, ninguém estava proibido de jogar futebol ou até mesmo formar um clube. Mas era preciso ter um campo disponível, 50 mil réis mensais, e formar o plantel de jogadores com brancos e que não fossem trabalhadores braçais ou tivessem empregos de caráter submisso, para filiar-se a ela. Ela não excluía abertamente a participação dos “pequenos” clubes, mas esses pré-requisitos, por si só, asseguravam a restrição e o filtro que certamente pretendiam impor à recente organização⁴³.

Outro indício que se nota a respeito do intuito separatista que caracterizava a ligaverifica-se na organização do primeiro campeonato que se iniciaria em maio de 1906 com a participação do Fluminense Football Club, do bairro das

⁴¹ Conferir. “Sport”, *O Malho*, 7 de outubro de 1905.

⁴² CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ªed. Campinas, SP Editora da Unicamp, 2001.

⁴³ Conferir. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta de Notícias*, 24 de abril de 1906.

Laranjeiras, Paysandu Cricket Club do bairro do Flamengo, Rio Cricket and Athletic Association, do bairro

Praia Grande, Niterói, Botafogo Football Club, do bairro de Botafogo, The Bangu Athletic Club, do bairro de Bangu, Football and Athletic Club, do bairro da Tijuca. Observa-se que dos clubes participantes, onde se presumeterem atendido todos os pré-requisitos para filiar-se à liga, três deles não eram da zona sul, cuja região advinha os clubes nobres. Não eram da zona sul, mas partilhavam desde modo distinto de se cultivar o futebol. Embora não fossem de uma região nobre, guardam o espírito elitista de praticar o jogo⁴⁴.

Por ser um clube oriundo de um bairro industrial da cidade, o Bangu A. C. se apresentaria mais tarde, como um caso excêntrico ao meio elitista da competição. Uma vez formada por ingleses que trabalhavam na fábrica têxtil com o mesmo nome, e sob direção do próprio dono, o clube seria um dos primeiros a se render as transformações que a eminente popularização traria ao esporte⁴⁵.

Aos poucos, a participação de operários trabalhadores da fábrica seria comum na composição do plantel de jogadores, visto que uma forte estratégia de ordem capitalista seria observada nesse meio, principalmente na cidade de São Paulo, no que se refere à introdução de operários nos times com o intuito de domesticar esses trabalhadores. Em uma espécie de aprisionamento, o trabalhador ficaria confinado a uma vida restrita, e que sua vida girasse em torno da fábrica, uma vez garantida sua moradia e alimentação (mesmo que de forma precária) dentro dos limites do pátio industrial, e com o futebol, agora também seu entretenimento tudo sob o alcance de vista dos patrões⁴⁶.

Mas, o principal motivo observado nesse interesse em aproximar o futebol dos operários estaria no fato de que estes, ao estarem entretidos com o esporte, ficariam dessa forma, longe das reivindicações e greves contra as más condições de trabalho. Caso que se tornaria mais tarde, motivo para alguns literatos e anarquistas se voltarem contra o futebol, julgando que o esporte estaria cegando esses potenciais revolucionários que eram os operários. Os destituindo das causas que eram benéficas a eles próprios como as lutas trabalhistas⁴⁷.

Voltando à disputa do campeonato de 1906 no Rio de Janeiro, devemos ressaltar também, e não menos importante, a subdivisão que houve dentro da liga, ao

⁴⁴ Conferir. "Sport", *Correio da Manhã*, 1 de maio de 1907.

⁴⁵ Conferir. "Gazeta dos Sports", *Gazeta de Notícias*, 26 de julho de 1907.

⁴⁶ Conferir. DECCA, Maria Auxiliadora De. *Cotidiano dos trabalhadores na República, São Paulo 1889/1940*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

⁴⁷ FOOT-HARDMAN, Francisco. "Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983.

criar outra disputa paralela, algo como uma segunda divisão para o campeonato principal. Onde jogariam o América, da Barra da Tijuca, o Riachuelo, do Riachuelo, e Associação Atlética Colégio Latino-Americano⁴⁸. O que fica evidente é que fora criada essa competição paralela para atender reivindicações do América que por motivos não muito claros não havia sido integrado ao primeiro escalão do campeonato. A LMF não deixa explícito o fator elitista da separação das divisões, mas se levarmos em consideração a escala de influência que os clubes participantes exerciam naquele momento, fica claro para nós que a segunda divisão pode ter sido uma jogada intencional.

De forma automática, um forte mecanismo de exclusão se verificaria no preço dos ingressos cobrados para assistir os jogos do campeonato, além de inacessíveis para as camadas menos favorecidas economicamente, eram vendidos em lugares frequentados apenas pela classe endinheirada da cidade, como a Confeitaria Colombo. Que restava a aqueles que não poderiam comprar o ingresso, assistir aos jogos de longe, amontoados em cima dos muros e morros que circundavam os campos de futebol⁴⁹.

. A mídia acompanhava de perto as disputas, e não deixava de relatar os detalhes e os bastidores da partida. Em uma imagem, que se tomada através de um anglo panorâmico, daria pra notar, visualmente, a clara separação que fazia entre as arquibancadas e o entorno do campo. Do lado de dentro, a mais fina e requintada camada da sociedade exibindo seus trajes da última moda das capitais europeias, por vezes representadas por ilustres presenças de autoridades e intelectuais da época. Moças refinadas e muito bem vestidas torcendo pelas belas jogadas dos *sportmen* dentro de campo. E cavalheiros também vestidos com muita elegância, esbanjado charme e boa educação. E do lado de fora, negros, mulatos e mestiços todos mal vestidos e empoleirados uns nos outros, aos xingamentos e chacotas assistiam de longe aquela celebração⁵⁰.

Voltando ao caso de São Paulo, os cinco clubes que disputariam o primeiro campeonato organizado pela LPF em maio de 1902, também guardavam as características fidalgas para o modo de disputa e espírito atribuído ao esporte. Um pouco diferente do Rio de Janeiro, não havia uma divisão claramente bairrista para designar os verdadeiros *spotmen*. Porém, os clubes mais importantes seriam oriundos

⁴⁸ Conferir. "Sport". *O Paiz*, 3 de maio de 1906.

⁴⁹ Conferir. "Gazeta dos Sports", *Gazeta de Notícias*, 22 de agosto de 1906.

⁵⁰ Conferir. "Gazeta dos Sports", *Gazeta de Notícias*, 3 de maio de 1906.

das regiões centrais e nobres da cidade, haja vista que fortemente influenciados pela presença dos imigrantes de ordem aristocrática, das colônias inglesas e germânicas.

Segundo o pesquisador Cláudio Nogueira, a cidade de São Paulo receberia um fluxo gigantesco de estrangeiros oriundos da Europa para trabalhar na cidade, não só na mão de obra operária, ou agrária no interior, mas também na direção das fábricas. E isso explicaria a forte presença de clubes formados apenas por esses estrangeiros, que para o autor seria uma forma desses grupos comungarem e manterem ligações com suas raízes europeias, onde o futebol já se fazia prática comum⁵¹.

Observa-se que de 1902 até 1912, ou seja, em dez anos, pouca coisa mudou em seu formato de disputa, abrangendo basicamente os clubes que fundaram a LPF, salvo alguns poucos que se incorporavam à lista de participantes na desistência de outros que já participavam, ao longo desse tempo. O certame contava geralmente com seis ou sete clubes que jogavam entre si e concorriam ao título⁵².

Esses dez anos de disputa serviram para mostrar que o espírito fidalgo e cavalheiresco defendido pelos *sportmen* ao esporte, estaria com os dias contados. Desse período pôde se observar as eminentes mudanças que estavam ocorrendo internamente em relação à forma de se tomar o jogo. Alguns aspectos e indícios já vislumbrados podem nos revelar as transformações de que este sentido do jogo estaria sofrendo para dar lugar a novas práticas e sentidos.

A verdade é que, tanto em São Paulo quanto no Rio (de forma ainda mais acentuada), o que era pra ser má tentativa de afirmar a apropriação de um sentido para o jogo, acabou se tornando uma arma contra os próprios interesses dos clubes nobres em restringir a originalidade daquele esporte.

Não seria difícil prever que com a criação das ligas e, conseqüentemente os campeonatos, o espírito amistoso que se empregava nas partidas isoladas, daria lugar ao espírito competitivo da disputa pelo título, taças e premiações⁵³. Sem contar que os clubes começariam a vislumbrar a possibilidade cada vez maior de rentabilidade através da bilheteria dos jogos, haja vista o eminente interesse pelo esporte, e com isso assistir as partidas nas arquibancadas dos campos. Antes geralmente usada em causas filantrópicas, essa renda passaria a ser incorporada como receita financeira e sendo

⁵¹ Conferir. NOGUEIRA, Cláudio. *Futebol Brasil memória: De Oscar Cox à Leônidas da Silva (1897-1937)*. Rio de Janeiro: Editora Senac Genal. 1º Ed. 2006

⁵² Conferir. *Correio Paulistano*, 2 de maio de 1902 à 25 setembro de 1912.

⁵³ Conferir. "Sport", *O Paiz*, 21 de maio de 1906.

revertida em investimentos cada vez maiores, como em reformas que gerassem ainda mais retorno para o clube⁵⁴. Nesse sentido, na tentativa de propagar e dar dimensões maiores ao esporte, os *sportmen* estariam sucumbindo a suas próprias investidas. Popularmente dizendo: se enforcando com a própria corda. Que ao se espalhar para novos adeptos, e novos círculos sociais e culturais, também incorporaria novos sentidos.

A mídia acompanhava essas transformações sob um misto de conservadorismo e desconfiança. Daria importância, sim para as mudanças nos comportamento dos expectadores nas arquibancadas e os jogadores dentro de campo, e não deixando de relatar também, como de costume, as belezas que o jogo proporcionava, não se desprendendo ainda do modo romântico de se enxergar o esporte⁵⁵.

O que se relata de diferente, diz respeito ao modo como o qual os jogadores começam a se relacionar a partir desse momento. Uma vez que, outrora fossem companheiros de uma mesma missão, agora seriam rivais na disputa pelos títulos e a superioridade dentro do jogo. A “instituição” Futebol agora se fragmentaria em pequenos pedaços, onde cada clube ganharia sua parcela individual de admiração, sua torcida, e seus investimentos e sentimentos próprios. A luta em prol da hegemonia do esporte higiênico e salutar como vanguarda do futuro e progresso do Brasil se esfacelaria, agora, a deparar-se com os interesses individuais de cada clube.

Ainda nessa esteira de transformações, e na medida em que a devoção clubística ganhava força, são relatadas também as mudanças de comportamento do público que comparecia corriqueiramente às partidas. Se antes era visto apenas com bons olhos pelos críticos da imprensa por representar com primazia a mais fina camada da sociedade, esbanjando charme e educação refinada, fazendo assim parte de todo o conjunto fidalgo que representava o futebol, neste momento se apresentaria também como torcedores exaltados que não mediam palavras para designar momentos de emoção com os lances dos jogadores dentro de campo. Onde tudo era motivo de aplausos, agora também era motivo para vaias e hostilizar o adversário⁵⁶.

O que se poderia notar em todo esse processo de transformações, se verificaria no fato de que o futebol se tornaria uma verdadeira arena de luta de sentidos, onde havia aqueles (tanto mídia, quanto clubes e jogadores) que defendiam a conservação das raízes fidalgas do esporte, quanto os que estavam a favor da flexibilização do sentido e

⁵⁴ Conferir. “Sport”, *Correio da manhã*, 9 de agosto de 1906.

⁵⁵ Conferir. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta de Notícias*, 30 de junho de 1907

⁵⁶ Conferir. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta de Notícias*, 15 de maio de 1906.

da prática do jogo⁵⁷.Nota-se também, que o esporte se instala no campo de tensões sociais que estavam latentes no país nas primeiras décadas do século XX.

Capítulo III

Os sentidos em disputa

O campeonato organizado pela LMF se apresenta para nós como o maior exemplo dos conflitos correlatos à disputa de sentidos impostas ao jogo de futebol, no que tange a sua eminente popularização. Este já nasce cercado de um clima conturbado, pois, além de duas divisões que o separaria logo em sua primeira edição, conflitos e acusações de escândalos nos bastidores entre os clubes, frutos das disputas dentro de campo também se fizeram presente. O que contribuiu para que essa liga tivesse apenas dois anos de existência, haja vista o primeiro pedido de desligamento do Botafogo ao final daquele campeonato, diante de um imbróglio com o Fluminense em relação a última rodada. Onde os dois clubes terminariam empatados em pontuação. O Botafogo sugerira para que houvessem confronto tira-teima para decidir o campeão. Com isso, o Fluminense não aceitaria e se autoproclamaría o vencedor pelo maior saldo de gols. No final das contas não houve acordo, sendo que também não houvesse campeão oficial⁵⁸.

A cisão também não duraria muito, e no final do verão de 1908 ainda é fundada outra liga, dessa vez com o nome de Liga Metropolitana de Sports Athléticos (LMSA).

⁵⁷ Conferir. "Sport", *Correio da Manhã*, 4 de junho de 1907

⁵⁸ Conferi respectivamente. "Gazeta dos Sports", *Gazeta de Notícias*, 18 de maio e 2 de novembro de 1907.

Tamanho era a influência do Fluminense no futebol da cidade, que o próprio presidente do clube seria também o presidente desta liga. Que contaria quase que com a

participação dos mesmos clubes que formaram a antiga, e com os mesmos interesses em monopolizar o sentido das disputas e tomar frente do esporte na cidade⁵⁹.

Em resposta à LMSA, como não houve a disputa da segunda divisão na segunda edição do torneio em 1907, é criada nesse ano, no bairro de Riachuelo, a Liga Suburbana de Football (LSF) que se responsabilizaria pela organização de torneios que contemplassem as equipes do subúrbio do Rio de Janeiro⁶⁰. A criação desta liga sugere o grau de diferenciação que pairava nas relações entre os times da zona sul com os do subúrbio da cidade. Onde fica nítida a restrição e distinção entre os clubes. E a criação da LSF se apresenta para nós como um ato de resistência, ou seja, como a voz de um grupo que também busca reconhecimento diante daquele esporte. Esse evento evidencia ainda mais dimensões que a difusão do esporte tomara na Capital Federal.

Nota-se que a mídia pouco cobre as disputas dos campeonatos dessa liga, dando ênfase ainda na cobertura da LMSA e dos clubes endinheirados. Poucos veículos se arriscam cobrir esses torneios, o que fica restrito à apenas noticiar resultados dos jogos ou algum ou outro comentário crítico, ficha técnica, e etc. Os olhares ainda estão lançados ao cotidiano dos *sportmen* do Fluminense e do Botafogo, a beleza de suas arquibancadas e do público que comparecem aos seus jogos⁶¹. O esporte estava cada vez mais difundido, outros sentidos estavam sendo incorporado ao jogo, mas o grosso da mídia relutava em permanecer com tomada romântica que se remetia às origens desse jogo na cidade.

Não se pode dizer que a relação entre os *sportmen* da zona sul e o dos subúrbios era completamente hostil, uma vez que o próprio Riachuelo - que chegaria a disputar as duas ligas simultaneamente, e os times do bairro da Tijuca sempre foram aceitos na LMSA, ainda que em uma divisão a parte. Nota-se que clubes de Riachuelo, Méier e Tijuca tinham uma boa relação com os clubes e os *sportmen* da zona sul. Isso pode se explicar com a proximidade entre esses bairros e conseqüentemente, esses clubes se apresentavam como a “elite do subúrbio”, e tinham, na medida do possível, as mesmas características dos clubes da zona sul se diferenciando, assim, dos demais clubes dos bairros de origem.

Contudo, se a primeira década do século XX, e primeira também de futebol, fora marcada pelas tentativas de monopólio de sentidos por seus precursores, a segunda

⁵⁹ Conferir. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta de Notícias*, 8 de março de 1908.

⁶⁰ Conferir. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta de Notícias*, 6 de fevereiro de 1907.

⁶¹ Conferir. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta de Notícias*, 30 de junho de 1907.

década marcaria a consolidação do processo de popularização e difusão do esporte. Dando continuidade ao processo de mudanças que já começara a ocorrer desde criação das primeiras ligas. A disputa propriamente dita, faria com que a união dos clubes se abalasse, fragilizando assim, as tentativas de impor qualquer resistência contra a força inerte da cada vez mais irreversível popularização.

O campeonato da LMSA seguiria seus certames sem muitas mudanças no formato de disputa e clubes participantes. O que mudaria seria no modo de relação entre clubes e jogadores que se tornava cada vez mais acirrada. Aos poucos a mídia seria obrigada a deixar de relatar a amistosidade e a elegância do jogo, para relatar as corriqueiras brigas dentro e fora de campo⁶². Que foi a causa principal para que em 1911 o Botafogo se desligasse novamente da liga e formasse uma própria, com a participação de clubes que já participavam da Liga Suburbana e outros que não tinham filiação alguma⁶³.

Além de evidenciar desentendimentos seguidos de cisões dentro do próprio seio da Liga Metropolitana, as ações do Botafogo mostram também o nítido processo de abertura que estava ocorrendo no futebol da cidade.

Sanado os desentendimentos, em 1913 tem-se a volta da LMSA. Marcando o retorno do Botafogo e também a incorporação de outros clubes, inclusive da Liga Suburbana. Com isso, ficaria inevitável que operários, negros e trabalhadores do comércio ingressassem de vez aos gramados dos jogos disputados pela Liga Metropolitana. Aliado ao fato dos corriqueiros desentendimentos entre os clubes que tomavam a frente da Liga, a partir dessa emergente incorporação de novos clubes é que se acirram ainda mais os conflitos em torno do futebol na capital⁶⁴.

Na medida em que esses novos clubes ganham espaço e força dentro entidade, emerge paralelamente uma série de ações por parte dos clubes ali já estabelecidos, que tendem minar a autonomia desses, e a entrada de novos.

Nesse momento a imprensa é usada como campo de batalha para a expressão das ideologias das partes em disputa. De um lado, os clubes que participam da Liga desde sua formação, ou seja, os clubes fidalgos da zona sul que e viam com maus olhos e a mistura entre a ‘elite’ e a ralé do esporte (que também não deixa de se remeter às

⁶² Conferir. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta de Notícias*, 2 de novembro de 1907.

⁶³ Conferir. *O imparcial*, 17 de janeiro de 1913

⁶⁴ Idem.

classes sociais e econômicas). De outro, clubes dos subúrbios que queriam ser reconhecidos e terem sua participação na liga e, conseqüentemente, nos assuntos referentes ao esporte e suas tomadas de decisões⁶⁵.

Através de cartas assinadas por pseudônimos, defensores das duas partes publicavam suas insatisfações e seus projetos de mudança nas colunas esportivas dos jornais. Ato que movimentariam uma longa polêmica que chamava a atenção não só no universo esportivo, quanto no universo social em geral.

*Para pertencer ao quadro de jogadores da Liga Metropolitana é mister que o proposto não seja cocheiro, carroceiro, covoqueiro, barbeiro, soldado, caixeiro de venda, de hotel, de botequim e uma porção de cousas mais, profissões estas que, no entender dos ilustres homens que inventaram esse regulamento, irão desmoralizar e deslustrar os brios da Liga Metropolitana. Quer dizer: os clubs só podem registrar os estudantes, oficiais das corporações armadas, empregados públicos e... O que mais? Não sei. É crível, Sr. redator, que os vinte clubs da liga possa manter cada um dos teams com jogadores que pertençam exclusivamente a essas profissões?*⁶⁶

As pretensões que moviam a busca pela distinção entre os clubes da zonal com os demais, ainda estavam pautadas nas questões sociais de ordem econômica e racial. Tanto que o secretário e membro da Liga Metropolitana, Alberto Silveiras, viria publicamente expor sua insatisfação com a presença dos clubes suburbanos se misturando aos clubes nobres no campeonato organizado por essa liga.

(...) De modo que nós que frequentamos uma Academia, temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no salão naval, jantamos na rotisserie, frequentamos as conferências literárias, vamos ao five o'clock mas quando nos resolvemos a praticar Sport entramos para o Icarai, club distinto filiado à 3º divisão

⁶⁵ Conferir. "Foot-Ball" *O imparcial*, 8 de fevereiro de 1916.

⁶⁶ "Joffre"(Alberto Silveiras), "A nossa campanha". *Sports" O imparcial*, 6 de agosto de 1915

*da Liga Metropolitana, somos obrigados a jogar com um operário, limador, com um corrieiro, mecânico, chauffeur e profissões outras que absolutamente não estão ao meio onde vivemos. Nesse caso a prática do sport torna-se um suplicio, um sacrificio, mas nunca uma diversão*⁶⁷.

Porém ele deixaria claro que não discordava que tais clubes se filiassem à liga, mas seria a favor de uma distinção rigorosa entre esses clubes e os da zona sul, que estariam há mais tempo filiados e, segundo ele, se diferenciavam dos demais⁶⁸. Tanto que é que chegaria a propor uma divisão do campeonato em três divisões, salientando assim seu interesse em separar de vez os clubes, e evitando que times da zona sul e do subúrbio se misturassem em possíveis confrontos, resguardando assim a imagem fidalga do jogo com as disputas entre apenas os times nobres⁶⁹.

A alternativa que os nobres dirigentes encontrariam para conter a mistura entre os clubes, seria propor que os recém-ingressantes entrassem pela segunda divisão. Porém, o regulamento também permitiria que melhor colocado daquela edição tivesse o direito de participar do certame da primeira divisão, e o último colocado da primeira, rebaixado para a segunda.

Confiando na superioridade dos clubes veteranos sobre os de menor expressão dentro da primeira divisão, os dirigentes defensores da hegemonia fidalga não esperavam que o Payssandu (membro fundador da Liga Metropolitana, e originário da colônia aristocrática inglesa), fizesse a pior campanha da edição de 1915 e ficando dessa forma, fadado a disputar o certame da segunda divisão da próxima edição.

A própria imprensa interferiria na causa impulsionando uma campanha, sem sucesso, em prol da permanência da equipe na primeira divisão:

De que adianta aos nossos sportmen a passagem do Payssandu para a 2º divisão, quando desta passa para a 1º um outro club cujo valor, podemos afirmar categoricamente, é inferior ao da sociedade inglesa? Não, o Payssandu deve ficar e temos a

⁶⁷ Joffre" (Alberto Silveiras), "A nossa campanha". "Sports" *O imparcial*, 15 de agosto de 1915

⁶⁸ Conferir. "A seleção sportiva", *Correio da Manhã*, 14 de fevereiro de 1916.

⁶⁹ Conferir. "Ainda a seleção", *Correio da Manhã*, 18 de fevereiro de 1916.

*obrigação de mantê-lo par a par com os outros clubs da 1ª divisão. Isto dele ter tirado o último lugar pouco importa*⁷⁰.

Esse caso despertaria o medo dos clubes nobres da primeira divisão, que na tentativa de evitar esse tipo de percalço, o Fluminense (fazendo valer toda sua influência diante da liga) apresenta a proposta para que haja um jogo entre o último da primeira e primeiro da segunda para decidir se um continuaria ou se o outro ingressasse na próxima edição. O regulamento começaria a valer já em 1915, e mais uma vez o comando nobre da liga seria surpreendido com a derrota do Rio Cricket (também da colônia inglesa, só que de Niterói) último lugar da primeira contra o Bangu, primeiro da segunda divisão. O resultado contribuiria para que a equipe de Niterói se recusasse a jogar o certame da segunda divisão, desistindo assim, de não jogar campeonato algum naquele ano⁷¹.

Em São Paulo também se observou nítida as transformações no seio das disputas do campeonato organizado pela LPF responsabilizadas pela popularização de esporte na cidade. Fato que contribuiu para cisões dentro liga, e divergências de posicionamentos entre os dirigentes em relação à aceitação de novos clubes, que conseqüentemente trariam com eles formas diferentes de tomar o jogo. Que, assim como na capital federal, a liga também prezaria o espírito nobre e cavalheiresco atribuído ao jogo, devido à base fidalga cuja qual teria sido fundada.

O campeonato que contaria desde seu início com a participação de seis ou até sete clubes (em sua maioria, oriundos das colônias inglesas e germânicas da cidade) viria em 1912 a presenciar sua maior prova dos impactos causados pelas transformações que ocorriam no sentido jogo para os *sportmen* daquela liga.

No sentido em que o jogo ia ganhando um caráter mais competitivo do que recreativo e ritualístico, com efeito, a capacidade técnica dos jogadores seria mais preterido que seus atributos nobres e elegantes. O que contribuiu diretamente para que cessasse as ações seletivas que impediam negros, operários e trabalhadores braçais ingressarem nos clubes nobres e de disputarem o campeonato da LPF. Situação que contribuiria também ao que, segundo alguns cronistas chamariam, “profissionalismo

⁷⁰ Conferir. “Foot-Ball” *O Imparcial*, 29 de janeiro de 1915.

⁷¹ Conferir. “Foot-Ball”, *O Imparcial*, 14 de março de 1916.

marrom”⁷². Uma espécie de profissionalismo disfarçado, onde jogadores receberiam gratificações, seja em dinheiro ou outros tipos de ajuda, para jogarem em determinados clubes. Que, no caso dos times que tinham seus presidentes donos de fábricas, arranjariam serviços dentro da empresa, burlando assim, a fiscalização dos dirigentes em defesa dos estatutos da liga que proibiam a filiação de certos tipos de trabalhadores. Dessa forma, o futebol ganharia, mais do que nunca, um sentido a mais para as classes subalternas. Para eles, o futebol se tornaria uma forma de ascensão social potencialmente de ordem econômica. Uma vez que, a técnica e dom de jogar o esporte não dependia de berço, qualquer um poderia se tornar um ótimo *player* e ser preterido pelos grandes clubes da cidade.

Motivo que fez com que, a exemplo do Botafogo no Rio, o Club Atlético Paulistano se retirasse da liga em protesto às conseqüentes ocorrências. Sendo que este clube era considerado como um dos mais influentes no cenário do futebol paulista e defensor da imagem nobre atribuída às raízes do jogo no país⁷³.

Em resposta à LPF, o clube recém-desligado criaria outra liga, a Associação Paulista de Sports Atléticos (APSA). Que também gozaria de grande prestígio com a promoção de seus campeonatos chegando até ser equiparado pela imprensa com a já estabelecida LPF. Sendo a principal fonte de resistência ao espírito conservador do nobre futebol, a saída do Paulistano, abriria dessa forma um amplo espaço para a entrada de clubes de origem operária e também de cidades do interior na antiga liga⁷⁴.

Porém, paralelamente a esses acontecimentos, outro fator se destacaria também como um importante elemento catalisador das transformações no sentido do futebol para os brasileiros. E para ressaltar esse fator, é preciso voltar um pouco ao tempo, mais precisamente no ano de 1908. Foi em uma visita do selecionado argentino ao rio de Janeiro para enfrentar a seleção da LMSA, que se pode verificar o começo de um novo sentido que mudaria de vez a forma como a qual os brasileiros tomariam o futebol⁷⁵.

Ainda que o esporte brasileiro fosse formado apenas pelos *sportmen* da LMSA, para a imprensa que anunciava com entusiasmo as partidas, este estaria representado o Brasil.

⁷² Conferir. “Sports”, *Correio Paulistano*, 17 de julho de 1912.

⁷³ Conferir. “Sports”. *Correio Paulistano*, 06, de fevereiro de 1913.

⁷⁴ Conferir. “Sports”. *Correio Paulistano*, 14 de fevereiro de 1913.

⁷⁵ Conferir. “Foot-Ball”, *Gazeta de Notícias*, 24 de junho de 1908.

Estarei eu em vésperas dessa doença inexplicável que se chama patriotismo? Patriotismo por quê? Patriotismo limitado a um campo de football? Entretanto é verdade...E do desânimo eu caio na ansiedade à espera de que nós – “nós”-vençamos no campo do Payssandu⁷⁶.

A forma como a qual o literato Paulo Barreto descreve o novo sentimento que se estaria se incorporando ao futebol, ressalta a importância que esse esporte vinha adquirindo na cidade do Rio e também a nível nacional.

Sabe-se que a emergência dos campeonatos organizados pelas ligas regionais contribuiu para que houvesse o surgimento da devoção clubística entre aqueles que acompanhavam o esporte, fragmentando a antes estática união em prol do futebol como missão, criando assim uma camada de “torcedores” em seu sentido literal. Se o efeito desse movimento fosse separar a torcida em pequenos microcosmos, em contrapartida, os jogos internacionais que o selecionado brasileiro começaria a disputar, faria com que os adeptos ao esporte voltassem a compartilhar certa relação de união em prol de um mesmo sentido. O sentido nacionalista.

À primeira vista, esse parece um estranho fenômeno, de forma que nas primeiras décadas do século XX, historiadores e cientistas sociais se empenharam em tentar desvendar os caminhos que levaram a construção dos nacionalismos em diferentes continentes e regiões. Nesse sentido, a forma como a qual a mídia descreve a comoção e o entusiasmo que se instaura entre os acompanhantes das partidas do selecionado brasileiro, podemos dizer que o Brasil encontrou no futebol uma maneira de fazer valer o sentimento nacionalista e patriótico⁷⁷.

Afinal, como lembra o historiador inglês Eric Hobsbawn, o esporte em geral, é um meio privilegiado de difusão e reforço de sentimentos nacionalistas, uma vez que permite a identificação fácil, rápida e imediata entre os atletas representantes da nação e seus torcedores. E suas palavras:

“(...)a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo

⁷⁶ “Joe(Paulo Barreto)” “Cinematógrafo”, *Gazeta de Notícias*, 12 de Julho de 1908.

⁷⁷ Conferir. “Uma partida sensacional”, *Gazeta de Notícias*, 10 de julho de 1908.

, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.”⁷⁸

Porém, para o público heterogêneo que comparecia às disputas contra os argentinos, os sentidos dessa devoção nacional que se fazia notar na atitude frente aos adversários na seriam tão claros. O processo de construção, através do jogo, de uma identidade entre grupos diferentes, unidos em uma mesma emoção, se apresenta para nós como um enigma a ser decifrado.

Conforme a historiadora Lúcia Lippi de Oliveira, a Primeira Guerra Mundial teria abalado o espírito cosmopolita da *belle époque*, provocando assim, uma mudança de enfoque sobre a questão nacional no Brasil. Isso contribuiria também para que as lideranças do país repensassem questões como as formas de se construir uma nação forte e estável. A valorização do sentimento natural de amor à pátria seria reforçado por propostas de salvação do país, cujos alicerces seriam a educação e a saúde. Nesse sentido, a cultura física também passaria a ser objeto de atenção, onde o futebol seria um fator de ligação entre regeneração física e nacionalismo⁷⁹.

Ponto de partida desse movimento, os jogos contra os argentinos apenas anunciavam novas possibilidades que até então era construído por muitos como um elemento definidor de uma identidade refinada e restrita. Com isso, estavam lançadas as sementes que catalisariam o processo de transformação do sentido do jogo para diferentes sujeitos.

Em primeiro lugar, a transformação de um esporte tido como fidalgo e refinado em um jogo de todos, passando a ser apropriado por diferentes parcelas sociais. Junto a isso, haveria também a possibilidade de consolidação, através do futebol, de uma intensa identificação entre torcedores das mais variadas camadas sociais na constituição de uma fundamentada identidade nacional, e dessa forma sendo possível perceber as ambiguidades e fragilidades sob a qual fora alicerçada.

Para o historiador Fábio Franzini, ao que tudo indica, o sentimento nacionalista em comum aos brasileiros naquele momento não passava de um imaginário proposto pelas lideranças intelectuais do Brasil, onde enxergavam no futebol mais uma

⁷⁸ HOBBSBAWM, Eric. “Nações e nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Pag.104

⁷⁹ Conferir. OLIVEIRA, Lúcia LIPPI. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ferramenta na construção de um projeto de nação sólida e homogênea, e com isso, forjando uma identidade em comum entre os brasileiros⁸⁰.

Contudo, podemos prever que esta seria uma tarefa quase impossível para aquele momento, tendo em vista os conflitos travados em torno da identidade do jogo pelas ligas regionais. Exemplo direto que evidencia as fissuras que havia no seio do processo de construção de uma identidade homogênea para o futebol e que atendesse as expectativas de seus idealizadores, se observaria na construção de uma federação que representasse o Brasil e que tomasse frente aos assuntos e decisões no universo do futebol à nível nacional.

Nesse sentido, em 1914 fora criada no Rio de Janeiro a Federação Brasileira de Sports. Que contava que quase com mesmos dirigentes da Liga Metropolitana. Temendo pela autonomia máxima dos cariocas, em resposta, no ano seguinte é criado também em São Paulo a Federação Brasileira de Foot-ball, sob a direção das duas ligas em litígio na cidade a APEA e a LPF⁸¹.

Toda essa situação evidencia a briga por poderes na condução dos assuntos relacionados ao futebol no Brasil, envolvendo assim, duas das maiores referências do esporte no país, Rio e São Paulo.

Como se tratava de assuntos de interesse nacional, em 1916 o ministro das Relações Exteriores Lauro Muller, apresenta a proposta de união dessas duas recém-criadas federações, e também a inserção de dirigentes também de outros seis estados. Estava então criada a Confederação Brasileira de Desportos, reconhecida naquele ano pelo Congresso Sulamericano de Foot-ball, e em 1918, mundialmente, pela Federação Internacional sediada em Amsterdã (Holanda), como única e representante do futebol brasileiro⁸².

Posto desta forma, o Brasil estaria organizado para disputar suas partidas internacionais e representar a “nação” nos campos através da bola. Só que internamente, muito ainda tinha que organizar. A começar pelo fato que a direção da Federação seria composta por *sportmendo* eixo nobre Rio - São Paulo como Arnaldo Guinle, presidente

⁸⁰ Conferir . FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

⁸¹ Conferir. “Foot-Ball”, *O Imparcial*, 9 de fevereiro de 1915

⁸² Conferir respectivamente “ O momento sportivo”, *O Imparcial*, 22 de junho de 1916 e “O reconhecimento da Confederação de Desportos”. *Correio da Manhã*, 7 de abril de 1918..

do Fluminense e Ariovisto Rêgo, presidente da Liga Metropolitana⁸³. Estaria clara a supremacia de interesses a serem contemplados pelo campo de atuação da Confederação, que dessa forma, beneficiaria a elite nobre carioca e seu possível posicionamento diante do latente assunto a respeito das identidades e o sentido do jogo.

Exemplo disso, ainda no ano de 1916, apresentaria suas empreitadas em defesa da restrição na participação jogadores indesejados. Que foi a “Lei do Amadorismo”, cujo intuito era zelar pelo bom espírito amistoso do esporte, fazendo com que fossem denunciados os agrados de ordem financeira destinados a estimular a competitividade dos atletas e também, se não bastasse, excluir analfabetos e trabalhadores braçais das ligas veteranas com a Metropolitana, Paulista, e também a confederação nacional. Porém, a lei não chegou a vigorar por completo, não sendo respeitada pelos pequenos clubes das principais ligas do Rio e São Paulo⁸⁴.

Com a evidente perda de controle desses dirigentes nas ligas locais, em relação à sucumbência frente à popularização do esporte, o comando na Confederação Brasileira daria uma sobrevida ao movimento de resistência ao resguardo da imagem do futebol em comunhão às suas origens fidalgas. Esta passaria então a ser a nova trincheira para esses conflitos.

Amparados pelas lideranças políticas oriundas das classes nobres e que viam no selecionado brasileiro a representação do país em campanha no exterior, A CBD selecionaria os jogadores que disputariam as partidas e competições internacionais a partir de sua raça e classe social. Tendo como justificativa a apresentação de uma boa imagem do Brasil para fora. Onde, apenas os nobres *sportmen* teriam a capacidade de executar com primazia essa representação⁸⁵.

Esses ideais ganhariam ainda mais força em congruência com ideais de outros países sulamericanos como o próprio Uruguai que sediaria a edição do Torneio Sulamericano em 1917, que no ano anterior professava o presidente de sua federação, Juan Rocca, sobre o intuito maior dos jogos internacionais.

E é o foot-ball, senhores, chamado a assinalar, neste momento histórico, o caminho seguir pelas democracias do continente

⁸³ Idem 79

⁸⁴ Conferir. “A lei do amadorismo nacional”, *Correio da Manhã*, 6 de fevereiro de 1917.

⁸⁵ Conferir. “Paulo Barreto”, “Pall-Mall Rio: foot-ball”, *O Paiz*, 4 de setembro de 1916.

*para chegar ao campo das grandes realizações do ideal americano; é o foot-ball o encarregado hoje de reunir homens de diversas nacionalidades, estabelecer o contato entre eles, identificá-los nos altos e abnegados propósitos comuns, fundindo em um mesmo crisol, sob o calor das emoções populares, o sentimento de confraternidade e de justiça que darão força e alento à cruzada de união, de paz e de grandeza continental que aspiram todos os povos da América Latina*⁸⁶.

As palavras do presidente da federação uruguaia, faziam com que reacendesse nos *sportmen* brasileiros, um sentimento vivido outrora no futebol, nos primeiros passos do esporte no país. Quando ele ainda era restrito aos seus patronos e motivo de união em prol de uma mesma causa.

A participação do selecionado brasileiro no Campeonato Sulamericano de 1917 em solos uruguaio despertara na mídia também o romantismo do esporteem seu aspecto original de seus primeiros tempos, e afirmando o caráter diplomático dos *sportmen* que representaram o Brasil, ressaltando a tradicional fineza de trato dos moços (os jogadores) que tão alto sabiam deixar o nome do Brasil, cativando a todos e fazendo amigos. E tendo nas palavras da própria CBD, missão cumprida, uma vez que embora não tenham demonstrado aptidão técnica, deram uma aula de disciplina e cortesia, tendo esse bom comportamento até saudado pelo ministro do Uruguai, parabenizando a “inexcedível distinção de alta linhagem fidalga do *scratch* brasileiro”⁸⁷. Bem como também afirmava outro dirigente uruguaio, que era preferível que seus selecionados percam partidas internacionais, dando em troca uma nota de cultura⁸⁸.

Se o selecionado brasileiro daria exemplos de cavalheirismos, em contrapartida, a torcida já acostumada com clima hostil que se desprendia das disputas das ligas regionais não reproduzia esse exemplo nas arquibancadas nem nos bastidores dos jogos. Se para os *sportmen* selecionados para representar o Brasil dentro de campo o espírito que os moveriam fosse o amistoso e diplomático, para quem acompanhava com entusiasmo do lado de fora, seria totalmente diferente.

⁸⁶ Conferir. *Gazeta de Notícias*, 18 de julho de 1916.

⁸⁷ Conferir. “Um telegrama do ministro do Uruguai”. *Correio da Manhã*, 26 de outubro de 1917.

⁸⁸ Conferir. “O foot-ball internacional”, *Correio da Manhã*, 26 de outubro de 1917

Exemplo disso foi na edição do Campeonato Sulamericano de 1919 realizada no Rio de Janeiro, onde foram registradas inúmeras reclamações por parte das delegações dos outros países sobre o tratamento oferecido pelos brasileiros, fossem torcedores exaltados proferindo hostilidades aos adversários, fossem profissionais que estavam a par da hospedagem, alimentação e segurança desses atletas que agiam com deslealdade para o possíveis favorecimentos do selecionado brasileiro⁸⁹. Fazendo com que dessa forma, a confederação brasileira viesse a público fazer um apelo a aqueles que estavam participavam direta ou indiretamente do certame. “Aquele que se abandonar a demonstrações de hostilidade contra quem quer que seja, durante uma prova desportiva, mostra-se indigno do nome de sportmen e, neste momento, do nome de brasileiro”⁹⁰.

O torneio prosseguiria com um final feliz para os brasileiros que venceriam, no estádio das Laranjeiras, o Uruguaí na final. Dessa forma, o Brasil viveria seu ápice no futebol até ali. Tendo a imprensa, torcedores e *spotmen* vivendo dias de êxtase e orgulho com a vitória naquele torneio⁹¹. Tamanha fora a comoção entorno dessa vitória, que no ano seguinte o Rio de Janeiro teria com a visita do Rei Alberto da Bélgica ao país, uma parada com os sportmen em um domingo. Uma forma de cerimônia mútua, que simbolizaria a saudação à vitória deste rei na Grande Guerra, e a do Brasil no último campeonato disputado na cidade carioca. Sendo o monarca um admirador dos esportes, e principalmente do jogo da bola, essa seria também uma oportunidade de divulgar e celebrar a importância da cultura esportiva para o sucesso dos vitoriosos.⁹²

Nenhuma ocasião se apresenta para uma demonstração do que representamos como expressão galharda do que somos, como sport; do que representamos, como cultura, talento e energia que caminha impávida, para os destinos de uma finalidade de triunfos, ainda mal esboçados, ridentes e promissores que essa ideia, tão simpática e tão nobre, da parada atlética de domingo

⁸⁹ Conferir. “Foot-ball”, *O Imparcial*, 17 de maio de 1919.

⁹⁰ “Foot-ball”, *O Imparcial*, 25 de maio de 1919.

⁹¹ Conferir. “Salve scratch brasileiro”, *O Imparcial*, 4 de junho de 1919.

⁹² O Paiz, 26 de setembro de 1920.

. *Em homenagem à energia moça e heroica do grande atleta-rei, que é o soberano belga, que ora nos dá a honra de sua visita*⁹³.

Contudo, esse episódio não evidenciaria apenas uma cerimônia em detrimento das conquistas do esporte. Reforçaria também o grande interesse em fazer da propagando do país, uma imagem branca e fidalga. Sendo que o desfile de atletas que cortejara o monarca belga traria traços segregacionistas, uma vez que a comissão de frente seria representada pelos *sportmen* brancos e nobres da Liga Metropolitana, deixando pobres e mulatos em uma posição menos visível, e negros do lado de fora⁹⁴.

Além de confirmar de vez o orgulho nacional através do futebol, o Campeonato Sulamericano no Rio de Janeiro também marcaria a consagração de Arthur Friedenreich, filho de mãe negra e pai alemão, o jogador mulato conquistara seu espaço no coração dos paulistas e consecutivamente dos brasileiros através de seu talento, pois se não fosse sua aptidão com a bola nos pés, muito provavelmente não seria aceito na liga principal de sua cidade, muito menos no seletivo C.A. Paulistano. Embora tenha se tornado o principal jogador brasileiro da década, e ídolo máximo da conquista do sulamericano de 1919, há relatos que o jogador era aconselhado a alisar os cabelos crespos para que pudesse se parecer com um branco e ser bem aceito no time paulista e nos círculos cujos quais ele frequentava como *sportman*, sendo que seus olhos verdes contribuíam para essa requisitada imagem⁹⁵.

Semelhante ao de Friedenreich, outro caso ficara famoso nesse sentido, inclusive sendo até agregado à história do clube onde ocorreu o fato. Segundo o jornalista e pesquisador Mário Filho, o Fluminense se interessaria pelo bom futebol apresentado por um jogador crioulo chamado Carlos Alberto que fora um dos destaques da campanha gloriosa do América no campeonato da Liga Metropolitana de 1913. Uma vez que os interesses em torno do futebol estavam cada vez mais acirrados em relação aos resultados, o clube fez o convite para que o jogador passasse a defender as cores do time das Laranjeiras, que houve acerto. Para o ex-jogador do América, a sua chegada ao time da zona sul lhe haveria causado um impacto, sendo que passara a observar o refinado

⁹³ Conferir. *O Paiz*, 24 de setembro de 1920.

⁹⁴ Conferir. *O Paiz*, 27 de setembro de 1920.

⁹⁵ Idem 77

estilo de seus companheiros de clube, torcedores e pessoas envolvidas com o Fluminense. Dessa forma, para não se sentir uma ilha em um oceano, em um jogo contra o próprio América, resolvera passar pó-de-arroz (muito utilizado na época como clareador cutâneo) em seu rosto e alisar os cabelos para que tivesse a aparência de um branco⁹⁶.

Porém, ao decorrer da partida, o suor fez com que escorresse o produto em sua pele, atraindo assim, a atenção dos expectadores que acompanhavam a partida, que aos berros denunciavam a farsa: - É pó-de-arroz! É pó-de-arroz⁹⁷! O episódio não só marcaria um acontecimento triste para o jogador e para o futebol, como também marcaria um símbolo para a história do clube das Laranjeiras, que se apropriou da “brincadeira” e até recentemente no século XXI, os torcedores saudavam a entrada de seus jogadores em campo nas partidas com nuvens de pó-de-arroz nas arquibancadas.

Casos com esses, refletem a forma como a qual se apresentava as relações sociais daquele período. As teorias eugênicas⁹⁸, a imagem do branco, culto, educado e forte como parâmetro a ser seguido na construção de uma nação ideal, deixavam aqueles que não preenchiam esses quesitos eram deixados à margem das relações, sendo obrigados à re-significarem sua cultura suas características e suas qualidades para adentrem e sobreviverem nesse universo segregacionista que era o futebol nos primeiros anos e primeiras décadas da República.

Pobres e não-brancos não estavam impedidos de jogar futebol e nem de pisarem nos gramados onde haviam jogos regidos pelas Ligas nobres regionais, porém, se quisessem adentrar esse universo seria preciso humilhar-se diante de outras raças e de outras classes sociais. Era preciso ser alguém que não eram para agradar aos olhos dos que estavam de fora. Era preciso, acima de tudo, destituir-se de seus princípios ou até de sua dignidade, como Carlos Alberto e Friedenreich e tantos outros aqui não citados. E mesmo que esses sujeitos tivessem conquistas relevantes no decorrer da história do futebol, adquirindo seu espaço com o passar do tempo e as inerentes transformações no sentido do jogo, ainda estavam longe de concorrer em pé de igualdade com a resistência mesquinha e preconceituosa de uma minoria que se dizia dona daquele esporte.

⁹⁶ Idem 4

⁹⁷ Conferir. “Gazeta dos Sports”, *Gazeta Sportiva*, 20 de março de 1914.

⁹⁸ Conferir. SCHAWARCZ, Lília. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

A popularização do jogo e suas conseqüentes transformações não foram suficientes para que episódios racistas e segregacionistas se extinguissem no futebol brasileiro. O projeto de nacionalização segundo Joel Rufino dos Santos⁹⁹, de união e homogeneização da identidade brasileira através do futebol, era apenas fruto do imaginário de poucos. Que na verdade, esse projeto apresentou como um movimento disfarçado, que reafirma a ideia de superioridade de uma raça e uma classe sobre a outra e afasta de sua imagem a ser reproduzida para fora, sujeitos que também fazem parte desta nação e que dessa forma são jogados à margem dos interesses.

A luta pela igualdade ainda estava longe de ter um fim.

Considerações finais

Em resumo, pode se dizer que os primeiros vinte anos de futebol no Brasil revelam para nós uma história de cima pra baixo. Fato consentido pela imprensa, que acompanhou toda sua trajetória; por grande parte das lideranças do país envolvidas naquele contexto; e também por grande parte dos historiadores e pesquisadores das mais diversas áreas que prestam serviço em resgatar a memória dos primeiros passos desse esporte em nosso país.

Pode se dizer que a imprensa também fez parte diretamente do apoio ao futebol elitista, ainda que fosse o principal porta-voz de todas as mudanças e transformações na história dos primeiros vinte anos do futebol nacional. Talvez isso se explica pelo fato dela estar mais ligada às classes mais favorecidas econômica e culturalmente naquele momento, tenha forjado seu interesse e sua posição muitas vezes a favor dos movimentos em prol do conservadorismo do sentido remetente às origens do esporte no país. Outro provável fator, é que no início, parte da imprensa se portavam como uma célula desse movimento em prol dos benefícios do esporte, sendo inseridas também, ao rol dos *sportmen*. Tendo cronistas e redatores das colunas esportivas também filiados a diversos clubes em suas cidades.

⁹⁹ Idem 10

Outro fator que contribuíra para a consolidação de uma hegemonia “elitista” na memória desse esporte no Brasil, foi o encontro de interesses que ocorrera entre os primeiros promotores desse esporte com os ideais que estavam em processamento pelos projetos políticos entorno da estruturação da República.

Como fora edificado em bases instáveis, abrangendo o preconceito, a exclusão e o segregacionismo, o sentido que os pioneiros defendiam com o jogo, e os projetos de um país nos moldes europeus por parte das lideranças políticas, estavam fadados a entrar em declínio, e com isso causar conflitos na espinha dorsal da sociedade.

As mudanças que ocorreram no decorrer desse processo de construção de identidades deram vez e voz à grupos e sujeitos à margem daquele universo proposto pelas elites, porém não foram suficientes para resolver os atritos e confrontos entre a resistência “popular” e a resistência “conservacionista” que relacionava os interesses daqueles que queriam também participar da “festa” e daqueles que queriam restringir e monopolizar essa entrada.

Pelo contrário. Essas transformações fizeram com que se destampasse e expusesse as feridas de uma nação em construção. De uma sociedade marcada pela desigualdade em todas as suas esferas de convívio, e que vivia os reflexos do pós-Abolição e a transição entre o regime monárquico e republicano.

Prova de que vinte anos não foram suficientes para estabilizar as relações entre as diferentes classes de indivíduos que faziam parte da sociedade e, conseqüentemente no mundo do futebol naquele momento (e que ainda havia muito que o que mudar), se fez nos jogos que o selecionado brasileiro disputaria na Argentina em 1920. Ainda sob efeito do êxito alçando um ano antes no Rio de Janeiro, a representação brasileira disputaria no país vizinho uma série de amistosos.

Sob o interesse do então presidente da República Epitácio Pessoa, de não “manchar” a imagem do país com jogadores negros entre o selecionado, é divulgado na imprensa seu pedido diante da CBD:

O governo brasileiro auxiliou em algumas dezenas de contos a Confederação Brasileira de Desportos, mas exigiu-lhes também uma retribuição: a não ida para o Rio da Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos. O Sr. Epitácio Pessoa foi

quem exigiu que não fossem incluídos “negros” no selecionado brasileiro¹⁰⁰!

A notícia estampada pelo *O estado de São Paulo* reflete o grau de influência das lideranças políticas nos rumos que se desprendiam o futebol e as relações sociais.

Nesse sentido, é importante também ressaltar os poucos veículos e agentes que serviam como acusadores desse modo covarde de relações. Que é o caso de Lima Barreto, um dos únicos, e o mais destacado combatente das mazelas vividas pelas classes subalternas diante à elite política e futebolista.

Corriqueiramente, o literato vinha a público através da imprensa para demonstrar seu desgosto pelo futebol, e o que ele realmente proporciona de mal a quem esta inserido nas suas práticas. O autor, que chegou a liderar um movimento que começou em 1919 chamado “Liga contra o Foot-ball”, cujo qual tinha o intuito denunciar os prejuízos que o futebol trazia para o país, que segundo servia como forma de dominação da elite econômica e política sobre as classes e sujeitos menos favorecidos como negros e pobres. Sem contar o fato de que ao invés do indivíduo que o pratica estar exercitando seu intelecto, na verdade está perdendo seu tempo e se alienando, gastando horas com que pra ele seria um esporte brutal e violento¹⁰¹.

Percebi logo existir um grande mal que a atividade mental de toda uma população de uma grande cidade fosse absorvida para assunto tão fútil e se absorvesse nele; percebi também que não concorria tal jogo para o desenvolvimento dos rapazes porque verifiquei que, até numa sociedade, eram sempre os mesmos a jogar; escrevi também que eles cultivam preconceitos de toda sorte; foi então que me insurji¹⁰².

O sacro colégio do Football reuniu-se em sessão secreta para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires campeões que tivessem nas veias algum bocado de sangue negro – homens de

¹⁰⁰ Conferir. *O Estado de São Paulo*, 26 de outubro de 1920

¹⁰¹ Conferir. “Lima Barreto” “Não sei mentir”, *O Paiz*, 13 de março de 1919.

¹⁰² “A Liga Contra o Foot-Ball, *Careta*, 12 de Novembro de 1920.

cor, enfim. A igreja fazia, fez ou faz uma indagação semelhante que tinha o nome, se me ignorância me trai, de processo de "puritati sanguinis". Isto, porém, ele fazia para os candidatos a seu sacerdócio – coisa extraordinariamente diversa de um simples habilidoso que sabe, com mestria, e brutalidade, servir-lhes dos pés, como cá pra lá, da esquerda para adiante de trás para frente e vice-versa. O sacerdote é um intermediário entre Deus e os homens; um futebolesco, o que é? Não sei. O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso o eminente presidente da República¹⁰³.

Está aí, uma grande desvantagem social do nosso foot-ball. Nos dias em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do ponta-pé propaga sua separação e o governo o subvenciona.

Contudo, apesar de atitudes como a de Lima Barreto, percebe-se que as desigualdades sociais andavam de mãos dadas com o futebol. O processo que tirou o monopólio do esporte das mãos da elite econômica e o fez se difundir à amplos adeptos, em um movimento que marcou a origem dos conflitos em torno de seus sentidos não fora suficiente para garantir nem no meio esportivo, muito menos no meio das relações sociais em geral. No momento em que não era visto mais só como uma prática ritualística dominical de entretenimento para a mocidade fidalga das regiões nobres, e passando a se tornar um missão, e consecutivamente, um disputa, estava fadado à transformações, cujas quais seus promotores originais tentariam resistir ao longo desse processo. Muita coisa mudara em vinte anos. Porém, o destino ainda reservaria muitos capítulos de uma saga de preconceitos, atos segregacionistas e também de resistência que como podemos observar até os dias de hoje, ainda não teve um fim.

¹⁰³ "A Liga Contra o Foot-ball. *Careta*. 28 de setembro de 1920.

capítulos de uma saga de preconceitos, atos segregacionistas e também de resistência que como podemos observar até os dias de hoje, ainda não teve um fim.

FONTES

Jornais Impressos

A Canoagem, 1903
Careta, 1920
Correio da Manhã, 1902-1920
Correio Paulistano, 1900-1920
Gazeta de Notícias, 1902-1916
Jornal do Commercio, 1902-1910
O Estado de São Paulo, 1919
O Imparcial, 1912-1920
O Mallho, 1905.
O Paiz, 1902-1920

BIBLIOGRAFIA

CALDAS, Waldenyr. *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*. Revista USP, agosto de 1994”.

CARONE, Edgar. *A Primeira República*. São Paulo: Diefel, 1969.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ªed. Campinas, SP Editora da Unicamp, 2001.

DAMAZIO, Sylvia. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Cotidiano dos trabalhadores na República - São Paulo 1889/1940*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

FAUSTO, Boris. *Trabalho e Conflito Social (1890-1920)* Rio de Janeiro – São Paulo. Rio de Janeiro: Difel. 1976.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Diefel, 1972.

FILHO, Mário. *O negro no futebol Brasileiro*. Maud. 5º Ed. Rio de Janeiro. 2013.

FOOT-HARDMAN, Francisco. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRANCO, Hilario Junior. “*A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*”- São Paulo: Companhia das Letras, 2007

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LUCCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. Editora Contexto: São Paulo, 2008.

MAZZONI, Tomaz. *História do Futebol no Brasil (1895-1945)*. São Paulo: Leia, 1950.

NOGUEIRA, Cláudio, *Futebol Brasil memória: De Oscar Cox à Leônidas da Silva (1897-1937)* Rio de Janeiro: Editora Senac Genal. 1º Ed. 2006.

OLIVEIRA, Lúcia LIPPI. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. “*Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro(1902-1938)*”, Nova Fronteira. 2000.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SCHAWARCZ, Lília. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SEVCENCKO, Nicolau. “*Da belle époque à era do rádio*”. *História da vida privada no Brasil*. Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko – São Paulo: Companhia das Letras. 1998 – (*História da vida privada no Brasil*; 3).

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SKIDMORE, Thomas.. *Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

THOMPSON, Edward Palmer. “*Costumes em comum – Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*” São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.